

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos

Todos os lucros d'esta publicação serão offerecidos pelo seu redactor
às Officinas «Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide

REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa	REDACTOR BRANCO RODRIGUES	PUBLICAÇÃO MENSAL Assignatura por anno 500 réis
---	--	---

Asylo dos Cegos de Castello de Vide

(Concluido do numero antecedente)



PRIMEIROS EXERCICIOS GYMNASTICOS NO ASYLO DOS CEGOS
DE CASTELLO DE VIDE

Assim fez. Para commemorar o dia glorioso da inauguração do asylo, escolheu o dia 20 de julho do corrente anno para fazer a trasladação dos restos mortaes do benemerito fundador d'aquelle instituto e dos de sua familia para o tumulo, o qual vae representado nas nossas gravuras.

Convidou para esse fim as auctoridades, as corporações religiosas e civis da localidade, a imprensa de Lisboa, que se fez representar pelos correspondentes do *Diario de Noticias*, do *Seculo*, do *Antonio Maria*, do *Occidente* e do *Branco e Negro*.

Às dez horas da manhã foram processionalmente conduzidas as ossadas em uma urna de mogno, do cemiterio da villa para a capella do asylo, conforme vae representado em photogravura.

Acompanhavam o cortejo, além dos convidados em numero superior a duzentos, as philarmonicas da villa e a fanfarra dos cegos.

Mais de 3:000 pessoas assistiam á passagem da funebre procissão.

Á porta da igreja o nosso collega Branco Rodrigues pronunciou o seguinte discurso:

«Ha momentos na vida do homem verdadeiramente criticos e solemnes.

Em um d'esses momentos me encontro agora, perante os restos mortaes do mais benemerito dos meus compatriotas—do primeiro portuguez que se lembrou dos infelizes cegos;

—dos entes a quem a falta de vista, esse precioso sentido, por meio do qual a alma adquire as mais firmes e vastas percepções—a quem a falta de vista priva dos mais delicados gosos, rouba á sua imaginação os mais ricos thesouros e converte a sua vida em uma profunda noite;

—d'esses entes, cujo espirito está rodeado de todos os lados por um véu impenetravel, que occulta a luz do sol, da qual, não obstante, sentem o poderoso influxo;

—d'esses entes que necessitam o auxilio de todos, porque estão expostos, sem defesa, aos perigos que os rodeiam e que não podem evitar, porque os desconhecem;

—d'esses entes que se acham isolados no meio da sociedade de que fazem parte, soffrendo a mais afflictiva das desgraças, e que teem direito aos soccorros da caridade;

—mas de quem ninguem em Portugal se tinha lembrado, antes do benemerito dr. Juzarte Sameiro.

É-me impossivel fielmente traduzir o sentimento de respeito que me infundem as cinzas d'este heroe da humanidade, faltam-me phrases com que possa enaltecer a sua obra grandiosa.

Ha trinta e tres annos que falleceu este inclito varão, e ainda se lhe não tinha prestado condigna homenagem. Verdade é que as direcções administradoras da instituição, por elle creada, teem continuado com um zelo, credor dos maiores encomios, a obra humanitaria de Sameiro.

Mas, se se não deve deixar de tecer elogio a esses cavalheiros, os actuaes directores merecem que os seus nomes fiquem memorados para todo o sempre, ao lado do nome do caritativo instituidor, porque lhe completaram a sua obra ingente. O dr. Juzarte Sameiro só se lembrou dos cegos idosos, d'aquelles para quem a vida é um triste fardo, cujas ambições se limitavam a ter agasalho durante o resto dos seus dias.

Não pensou que ha creanças que nunca viram e que teem mais ambição de saber do que as que vêem, e que a isso teem direito;

—que teem ambição de trabalhar, porque a ociosidade é o mais terrivel dos males que torturam o cego.

A actual direcção, compenetrada d'esta grande verdade, instituiu as officinas, ás quaes, immerecidamente, quiz dar o meu nome humilde.

E creando as officinas, deu trabalho, deu esperanza, deu alegria, deu a vida a esses infelizes, que estavam condemnados a uma clausura perpetua, e que agora anceiam pela liberdade a que todos nós, cegos e não cegos, temos direito.

Maior numero de cegos podem assim utilizar-se do beneficio do nobre dr. Juzarte Sameiro, que, se por um milagre pudesse reviver, applaudiria por certo, com todo o entusiasmo da sua alma generosa, o procedimento dos seus illustres continuadores.

Mas como esse milagre não pôde dar-se, vamos nós prestar-lhe a mais honrosa das homenagens e colloca-lo para todo o sempre junto d'aquelles entes que elle mais amou em vida.

E façamos votos para que o seu exemplo generoso seja imitado por outros corações nobres, que ainda os ha em Portugal!»

A Branco Rodrigues, seguiu-se-lhe o presidente da direcção do Asylo, o dr. Aniceto Xavier, que fez um eloquente discurso, no qual affirmou publicamente que, se se prestava ao benemerito dr. Juzarte Sameiro aquella magestosa homenagem, esse facto era unicamente devido ao ora-

dor que o precedera e a quem, por isso, testemunhava o seu agradecimento.

Findos os discursos, deu entrada na igreja o funebre cortejo e a urna foi deposta em uma eça que se elevava ao centro da igreja.

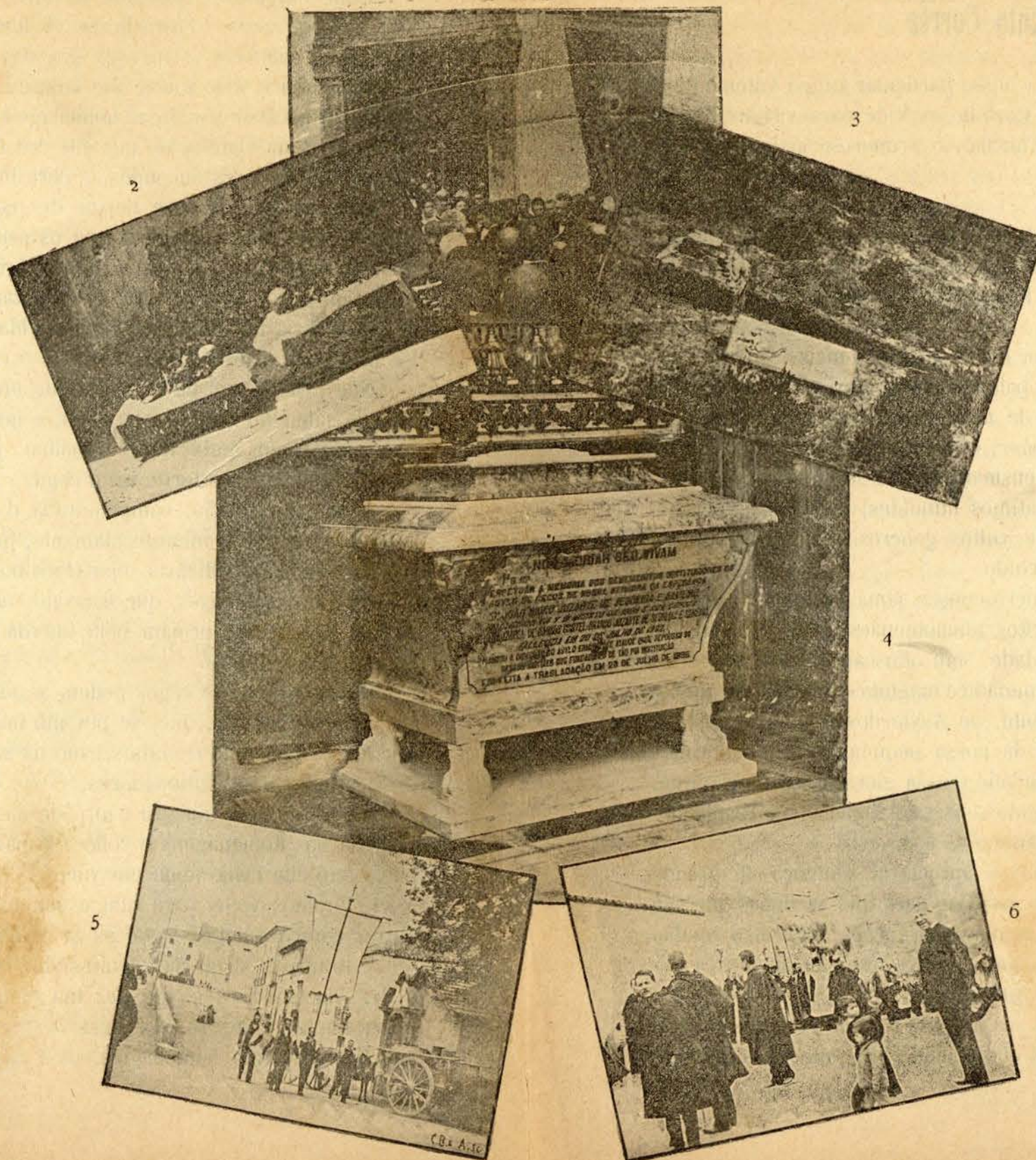
Cantou-se uma missa de *requiem*, cuja parte instrumental foi desempenhada pelos cegos.

Subiu então ao pulpito, o dr. José de Oliveira, distincto professor do seminário de Bragança, que, em um brilhante discurso, enalteceu a obra grandiosa da instituição do asylo. Terminando, elogiou os trabalhos de Branco Rodrigues, como sendo o maior propulsor do ensino intellectual e profissional dos cegos no nosso paiz.

Foi tão eloquente, entusiasmou de tal fôrma o selecto auditorio, que as lagrimas romperam dos olhos de quasi todas as pessoas que ouviram commovidas as palavras d'aquelle notavel orador.

Os cegos e as cegas cantaram então divinamente um *Libera-me*, depois do qual foram transportados da urna, para o mausoleu, as osadas dos instituidores.

Na occasião do encerramento d'essas venerandas cinzas, o padre Severino Diniz Porto, em um discurso, que a sua falta de saude não permittiu que fosse longo, exaltou



a obra do instituidor do asylo, e a dos seus continuadores.

E assim terminou esta imponente cerimonia.

*

Para commemorar a data de 20 de Julho de 1896 a direcção resolveu admitir mais um alumno cego, tutelado da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, mais um ceguinho, que vae encontrar n'aquelle asylo a felicidade, que nenhum outro estabelecimento do paiz lhe poderia dar.

E resolveu ainda mais crear a aula de gymnastica. Para esse fim convidou o distincto professor de Lisboa, o sr. Alberto Cosmelli, que ali foi n'esse dia propositadamente offerecer um tratado especial d'aquelle ensino, ensino que ainda é mais util aos cegos, do que ás proprias creanças que tem vista.

Damos em gravura a photographia dos alumnos fazendo os seus primeiros exercicios gymnasticos.

Por todos estes factos a actual direcção é credora dos mais elevados encomios. Felicitamo-la do fundo d'alma pela sua obra grandiosa!

1 À porta da igreja, durante os discursos—
2 Os restos mortaes do dr. Juzarte Sameiro e de sua familia—3 Sepultura do instituidor, depois de aberta—4 Mausoleu erigido na capella do asylo, á memoria do instituidor—5 e 6 A passagem do cortejo funebre.

Antonio Pinto Corrêa

O distincto escriptor madeirense, o nosso particular amigo Antonio Pinto Corrêa, que foi propositadamente a Castello de Vide para visitar o Asylo dos Cegos, escreveu na *Lucta*, do Funchal, o primoroso artigo que hoje transcrevemos:

«Ha oito dias precisos que promettemos fallar sobre o Asylo dos Cegos de Castello de Vide, como homenagem ao illustre extincto João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

«Ha oito dias precisos que o maior dos respeitos, o mais acendrado dos enthusiasmos, fez-nos lembrar estas palavras de Lemercier a Napoleão I, quando, interrogado sobre a rasão de nem uma linha haver produzido, sendo tão dado ás boas letras:— *Senhor, eu aguardo...*

«Exemplo de raro merecimento, ensinamento de subido proveito.

«Saber aguardar, quando nos sentimos humildes, deficientes, perante obras assombrosas e colossaes, ante vultos generosos e gigantescos, é mais do que um dever:— é uma virtude.

«Porque a nossa penna, fragil, microscopica, jamais poderá abeirar-se dos monumentos titanicos, dos espiritos phenomenaes, sem amesquinhar o seu valor, sem macular a sua puridade, sem offuscar o seu brilho.

«Deslumbrados, porém, pela sublimidade e magnificencia de tudo quanto se descobre de grandioso e prefulgente, no Asylo dos Cegos de Castello de Vide, encontrámo-nos esquecidos da nossa pequenez, para tentarmos offerecer uma tenue idéa da grandiosidade d'essa gloriosa instituição que, desde ha quasi sete lustros, tem lançado seus raios beneficos e resplandecentes por sobre grande numero de afflicções e miserias.

«E já que tivemos de desattender a apreciavel sentença do grande senador francez, só nos resta envidar esforços para que as linhas que vão seguir-se, embora singelas e alheias a altas concepções, logrem o condão de não levar grande desluzimento ás glorificações que são devidas a Sequeira Sameiro, pelo brilhantismo da sua obra.

«Que a pureza dos nossos intentos sirvam para revelar a temeraria ousadia que, transpondo a orbita da nossa obscuridade, determinamos intentar.

«Alexandre Magno, o general de raro valor, Cesar, o maior genio do seu tempo, Napoleão, o vencedor de cem batalhas, legaram afamado renome pela grandeza da sua coragem, pela ousadia dos seus feitos, pela enormidade dos seus triumphos.

«E todavia, essas assombrosas individualidades, que avassallaram o mundo com a fecundidade dos seus conhecimentos, com a elevação dos seus poderios, não alcançaram edificar tão solidamente para o tempo e para a eternidade, como o vulto munificente e magestoso de João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro.

«Porque Alexandre, vencendo os persas e assyrios; Cesar, triumphando no Egypto e na Germania; Napoleão, fazendo baquear quasi todos os thronos, deixaram no seu caminho a viuvez e a orphandade chorando em amargura a sua desgraça, lamentando cruciantemente a sua dôr.

«E Sequeira Sameiro, com a inauguração do Asylo dos Cegos, em 20 de Julho de 1863, legou conforto para muitos infortunios, consolações para muitas angustias, lenitivo para muitas lagrimas, pelo que sempre viverá e terá culto no animo de todos os bons portuguezes.

«Oh! como é surprehendente e commovedor tudo quanto nos é permittido observar n'esse largo e confortavel recinto que hoje abriga 49 infelizes acommettidos de cegueira!

«—Aqui, a sala onde os cegos não adultos, professionados pelo illustre levita Severino Diniz Porto, manifestam a todos os visitantes os seus extraordinarissimos progressos.

«Ali, os alumnos de musica, sob a proficiente regencia do sr. D. Vicente Marçal, executando com toda a mestria algumas partituras de reconhecido merecimento.

«Acolá, a Officina Branco Rodrigues, instituida pelo prestimoso cidadão Antonio José Repenicado, com trabalhos extremamente bem feitos.

«Mais além, vozes sonoras e bem timbradas, fazendo-se ouvir no côro da capella que se acha adjunta ao Asylo.

«Em toda a parte, um todo que nos embriaga, extasia e abala.

«Porque na escola temos João Esperança e Manoel Marques, que, guiados pelo famoso invento de Luiz Braille, sobre conhecerem historia, geographia e mathematica, escrevem e sabem lêr as linguas portugueza e franceza.

«Porque na musica defrontâmos com um tão vasto repertorio, que

um dos alumnos, ao ser interrogado sobre se conhecia o fado do Hylario, respondeu, textuaes palavras:— «Aqui sabe-se de tudo». Porque na officina encontram os asylados, na eterna noite em que vivem, a felicidade do trabalho, a idéa d'um futuro, a esperança de dias melhores.

«E é por tudo isso que o Asylo dos Cegos de Castello de Vide, eternizando a memoria do grande João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, tem conseguido assombrar o consideravel concurso dos seus visitantes.

«E é por tudo isso que a direcção e professorado de tão caridoso estabelecimento tem incontestavel jus aos maiores encomios e considerações.

«E é por tudo isso, finalmente, que o subscriptor d'estas linhas, possuido de admiração e respeito, se levantou do seu nada para prestar reverente homenagem ao ingente morto.»

«Funchal 7-6-96.

ANTONIO PINTO CORRÊA.»



Santa Casa da Misericordia de Lisboa

O illustre provedor d'este pio estabelecimento, o sr. conselheiro Thomaz de Carvalho, endereçou ao redactor d'este jornal o seguinte officio, agradecendo os esforços empregados para a admissão do cego Miguel, o primeiro discipulo de Branco Rodrigues, no Asylo dos Cegos de Castello de Vide.

Com a admissão d'este cego, commemorou a direcção do asylo o 33.º anniversario da inauguração d'aquelle instituto.

Sr. Branco Rodrigues:—Foi por certo ás boas diligencias de v. que se deve o satisfactorio resultado da admissão do pobre ceguinho Miguel no asylo correspondente; e não foi por certo menos, por attenção á protecção de v. para com este infeliz que elle foi tão carinhosamente recebido pelos seus collegas.

Tenho portanto o sagrado dever de tributar a v. os merecidos agradecimentos por tão relevante serviço ao estabelecimento que se acha a meu cargo, e ao pobre desamparado que, sem o auxilio d'esse piedoso instituto, seria pelo resto da sua vida inteiramente desgraçado.

Deus Guarde a v. Santa Casa da Misericordia de Lisboa, 21 de julho de 1896.==O Provedor, *Thomaz de Carvalho*.